

Georg Grünberg, 1966. Urgent Research in North-West Mato Grosso¹

Pesquisa Urgente no Noroeste de Mato Grosso

Traduzido por Leonardo Viana Braga
ORCID: 0000-0001-6332-5345

DOI: 10.26512/rbla.v14i1.46453

Recebido em agosto/2022 e aceito em outubro/2022

Tribos mencionadas no presente artigo

Bacia do Tapajós

Bakairi – Karib

Kayabi – tupi

Apiaká – tupi

Erigpactsá – pano?

“Beißos de pau” (Kayapó?) – je?

“Cinta-larga” – tupi

Região do Guaporé

Paresi – aruak

Irantxé – isolados

Nambikwara – isolados

Mamaindê (Nambikwara?) – isolados

Três artigos foram publicados neste boletim sobre pesquisas urgentes no noroeste de Mato Grosso (Saake, W. 1960, 1962, Boglár, 1962). No entanto, os desenvolvimentos recentes justificam um novo relatório. Minhas informações derivam principalmente de observações que fiz nesta

¹Publicado originalmente em BICUAER 8:143-52; 1966, Vienna.

área de novembro de 1965 a novembro de 1966. Passei a maior parte do meu tempo com os Kayabí no Rio dos Peixes, afluente do Arinos. Assim, as informações sobre os índios do Arinos e Juruena e algumas do Teles Pires são mais precisas do que as das tribos mais ao sul, que recolhi de segunda mão em Diamantino e Cuiabá. Usei apenas a literatura mais recente para este relatório. Mais informações podem ser encontradas em:

Ribeiro, Darcy (1957). “Línguas e Culturas Indígenas do Brasil”. In: *Educação e Ciências Sociais*, Vol. 2, no: 6: 5-102, Rio de Janeiro.

Gama Malcher, José M. (1964). “Índios”. In: *Conselho Nacional de Proteção aos Índios*, Publicação Nr. 1. Rio de Janeiro.

A grafia dos nomes tribais aqui é a mesma usada pelo SPI (Serviço de Proteção aos Índios).

I – Bacia dos Tapajós

Bakairí

Hoje são cerca de 250 pessoas no posto do SPI. Simões Lopes e na vizinha Aldeia Santana na margem direita do alto Teles Pires. Nesta última os Bakairí convivem com um grupo de Xavante. Eles habitam a área entre o Paranatinga e o Rio Novo, de um lado, e os Batovi e Culisêvu, afluentes do Xingu, de outro. A Inland South American Missionary Union (ISAMU) tem ali uma estação de catecismo e uma equipe do Summer Institute of Linguistics (SIL) vem realizando estudos relevantes. A destribalização dos Bakairi está quase concluída. Eles foram estudados por Max Schmidt em 1900 e 1927, e por Kalervo Oberg em 1947. No entanto, mais pesquisas são desejáveis, particularmente nos campos da religião e mitologia.

Oberg, Kalervo (1953). “Indian Tribes of Northern Mato Grosso, Brazil”. In: *Institute of Social Anthropology*. Washington: Smithsonian Institution, Publication Nr. 15: 69-81.

Wheathey, James (1966). “Reviscência de uma dança Bakairi”. In: *Revista de Antropologia*. São Paulo: nº 14: 73-80.

Kayabí

Seu número é estimado em aproximadamente 250, sendo 148 no Parque Nacional do Xingú (setembro de 1966), 51 no Rio dos Peixes, 16

jovens em Utiariti, 17 no alto Juruena e aproximadamente 20 no baixo Teles Pires. Originalmente viviam em toda a extensão do vale do Teles Pires, onde estão em conflito com os seringueiros desde a virada do século (primeiro ciclo da borracha). A partir de 1924 existia no alto Teles Pires um posto do SPI, primeiro “Pedro Dantas”, depois “José Bezerra”, que foi abandonado em 1965. Em 1941 foi estabelecido mais um posto do SPI no baixo Teles Pires no estado do Pará. Destinava-se a atender os Kayabí, Mundurukú e os Apiaká “civilizados”, mas não funciona há cinco anos. Nos anos de 1956-60, o maior grupo de Kayabí do Teles Pires migrou para o Xingu e, com a ajuda dos irmãos Villas Bôas, estabeleceu-se alguns quilômetros ao sul de Diauarum. Em 1966, mais 31 Kayabí foram transferidos do Rio dos Peixes para o Xingu. Desde 1955 este grupo está em contato com os missionários católicos da Prelatura de Diamantino. O contato foi mais intenso com o Padre João Dornstauder SJ. que os visitava pelo menos três vezes por ano por curtos períodos na aldeia do baixo Rio dos Peixes. A catequese geralmente inclui as crianças e jovens que se misturam com membros de outras tribos e são educados no centro escolar da missão em Utiariti. Com uma (?) exceção, nenhum dos adultos foi batizado. As hostilidades com os seringueiros, que vieram em 1956 para o Rio dos Peixes, foram impedidas pela influência de Dornstauder.

Os Kayabí, que nunca foram investigados etnologicamente, estão numa fase aguda de aculturação. Em 1966 passei oito meses no Rio dos Peixes estudando essa tribo. Além disso, desde julho de 1966, uma equipe do SIL está com os Kayabí no Parque Nacional do Xingu. No verão de 1966 Eduardo Galvão, do Museu Goeldi, em Belém, estudou a aculturação dos índios do Parque Nacional, inclusive de um grupo de Kayabí. Informações interessantes podem ser encontradas nos manuscritos de João Dornstauder em Diamantino, e nos diários do “indigenista” Fritz Tolksdorf, atualmente em preparação para publicação no Instituto de Etnologia da Universidade de Göttingen. Objetos etnográficos podem ser encontrados na Missão de Diamantino, na coleção particular do Sr. Guilherme Mayer em Porto dos Gaúchose nas coleções de Tolksdorf em Göttingen e Hamburgo. Os objetos que coletei estão no Museu Paulista, em São Paulo, e em Viena.

Tolksdorf, Fritz (1956). “Ethnographische Beobachtungen in Zentralbrasilien”.

In: *Zeitschrift*

f. Ethnologie, 81: 270-286, Braunschweig.

Las Casas, Roberto Décio de (1964). “Índios e Brasileiros no Vale do Rio

Tapajós”. In: *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Nr. 23: 1-31 Belém.

Simões, Mário E. (1963). “Os ‘Txikão’ e outras tribos marginais do alto Xingu”. In: *Revista do Museu Paulista*, 14: 76-104. São Paulo.

Apiaká

Esta tribo foi considerada extinta por Ribeiro (1957). No entanto, um pequeno grupo teria recuado para a área entre o Rio dos Peixes e o baixo Teles Pires. Os Kayabí sabem de sua existência. Um de seus curandeiros, já falecido, visitou uma aldeia Apiaká no início da década de 1950. Em 1966 encontrei cinco dias de marcha ao norte do alto Rio dos Peixes traços positivos desses índios. Seria necessário alcançá-los e estabelecer contato antes que os seringueiros se expandissem para sua área nos próximos dois anos.

Erigpacts

Segundo estimativas de Dornstauder e Tolksdorf (1966) eles compreendem cerca de 200-250 indivíduos no Rio do Sangue e Baixo Juruena, além de um grupo isolado próximo ao Aripuanã. Essa tribo lutou ferozmente contra os seringueiros invasores e foi pacificada em 1956-59 pelo padre J. Dornstauder. No médio Juruena existem hoje dois postos de missão da Prelatura de Diamantino, “Barranco Vermelho” e “Japoira”, para o grupo Rio do Sangue. De 1961 a 1964, o pastor alemão Richter foi encarregado de um posto missionário luterano nas proximidades de Salto Augusto, que agora está sendo dirigido por Tolksdorf e compreende cerca de 40 índios. Desde 1966 também há dois trabalhadores do SIL. A mortalidade dos Erigpactsá nos dez anos desde o contato foi de pelo menos 50%. Fora a gripe, praticamente inevitável, também houve a epidemia de varíola.

O falecido Harald Schultz, Assistente do Museu Paulista em São Paulo, esteve no médio Juruena de julho a outubro de 1962. Lamentou ter encontrado apenas malocas desertas, pois a maioria dos habitantes estava na migração anual para Serra do Norte. No entanto, suas observações são muito valiosas. Além disso, em 1962, o suíço Jean Louis Christinat visitou a estação missionária protestante. De acordo com a crítica veemente de Schultz, seu relatório não é muito sério. No final de 1966 Dornstauder preparou a publicação de suas experiências sob o título “Como eu pacifiquei os Canoeiros”. Objetos etnográficos desta tribo estão em posse da Prelatura de

Diamantino. Algumas são de propriedade de Mayer em Porto dos Gaúchos e G. Schmidt em Cuiabá. Além disso, existem as coleções Tolksdorf em Göttingen e Hamburgo.

Christinat, Jean-Louis (1963). “Mission Ethnographique chez les Erigpactsa (Mato Grosso)”. In: *Bulletin, Société Suisse des Américanistes*, 25: 3-33, Geneve.

Schultz, Harald (1964a). “Informações etnográficas sobre os Erigpactsa (Canoeiros) do alto Juruena”. In: *Revista do Museu Paulista* 15: 213-82, São Paulo

Schultz, Harald (1964b). Resenha de Christinat (1963) In: *Revista do Museu Paulista*, 15: 416-22, São Paulo

Schultz, Harald (1964c). “Indians of the Amazon Darkness”. In: *National Geographic Magazine*, 125, 5: 736-58, Washington

“Beißos-de-pau”

Beißos-de-pau é o nome de um grupo não pacificado na margem esquerda do médio Arinos entre os rios Tomé de França e Miguel de Castro. Sua área de perambulação estende-se a oeste, passando pelo Rio do Sangue até o 58° W. Lat. e a leste até a Serra dos Caiabís.

Os números da tribo, estimados aproximadamente em menos de 300 indivíduos. Desde 1955 estão em conflito aberto com a expansão brasileira. Tentativas de pacificá-los, especialmente em 1958/59 e na primavera de 1966, falharam.

Atacam com flechas os barcos que passam e já causaram pelo menos duas mortes e uma dezena de feridos do lado dos seringueiros. Em 13 de janeiro de 1966, fui atingido por flechas e recuperei três da água. Estes mostram um acabamento excepcionalmente fino sem o uso de ferramentas de metal.

No início desta década, arroz envenenado foi depositado abertamente na margem do rio. No entanto, os índios não perceberam que esse alimento era destinado ao seu uso. Uma tentativa de contato pacífico por um membro do SIL foi impedida pelo SPI. O padre Adalberto Pereira SJ, missionário de Diamantino, sobrevoou algumas aldeias indígenas muito parecidas com as aldeias dos Kayapó. Também o uso de tampões labiais aponta para o fato de pertencerem a uma das tribos Jê. Supõe-se que os “Beißos-de-pau” sejam da mesma tribo como os Tapayúma (Tapanhuma), relatados por exploradores

anteriores. Pereira foi o responsável pela última tentativa de pacificação. Ele conseguiu chegar a uma de suas Malocas e conversar com eles, mas sem entendimento mútuo. Pouco depois, ele e seus dois companheiros foram atingidos por flechas e feridos, e tiveram que fazer uma rápida retirada. No outono de 1966 fui informado na 6ª Inspeitoria do SPI em Cuiabá que um posto de pacificação seria erguido no Arinos em um “futuro muito próximo”. A julgar pela experiência passada, no entanto, duvido que este seja o caso.

Mais informações podem ser recebidas de Dornstauder e Mayer. Este último também possui os poucos objetos que foram recebidos como presentes recíprocos durante as tentativas de contato. A pesquisa sobre esta tribo seria difícil, mas muito necessária, e poderia ser melhor realizada por um etnólogo ou linguista que tenha experiência com tribos Jê.

Cinta-larga

Este é o termo usado para os índios não pacificados da região do alto Aripuanã e dos afluentes mais altos do oeste do Juruena. Eles provavelmente pertencem a diferentes tribos. Na última década ocorreram numerosos e graves conflitos com os Seringueiros do alto Juruena e Juina mirim, bem como com os moradores de Vilhena, Barão de Melgaço e Pimenta Bueno, que são pequenos assentamentos ao longo da recém-construída estrada arterial BR 29. Em Pimenta Bueno os Cinta-Larga são chamados de “Tupi bravos”.

De agosto a setembro de 1963, ocorreram conflitos particularmente cruéis iniciados pelos Seringueiros. O comandante de um seringal enviou um “esquadrão de punição” para a área do Juina mirim, onde a população de pelo menos uma aldeia foi aniquilada. Vi a fotografia de uma jovem índia, que durante esta ação foi pendurada de cabeça para baixo e estripada. Na primavera de 1966 houve novas hostilidades em Vilhena, durante as quais os colonos brasileiros usaram metralhadoras na defesa. Neste caso, uma investigação foi iniciada pelo SPI e um posto de pacificação foi planejado. Em 1962, a pacificação também foi planejada, mas nunca realizada.

Classificação da língua dos índios;

Rodrigues, Aryon Dall’Igna (1966). “Cinta-Larga”. In: *Revista de Antropologia*, 14: 27-30. São Paulo.

Pereira, P. Adalberto Holanda SJ (1966). “Pequeno vocabulário da língua dos índios Cinta-Larga”. In: *Revista de Antropologia*, 14: 25-26. São Paulo.

A área dos afluentes do Tapajós oferece uma série de projetos de pesquisa urgentes. A execução destes, no entanto, seria difícil considerando as hostilidades abertas entre os colonos e os índios. A 6ª Inspeitoria do SPI em Cuiabá, responsável por essa parte do Mato Grosso, tem pouca influência fora da região do Alto Teles Pires e Rio Novo, e sua existência é, de fato, desconhecida dos colonos. Na opinião dos seringueiros, os “padres” são os responsáveis pelos assuntos indígenas, a assistência que os índios recebem vem quase que integralmente dos missionários da Prelatura de Diamantino. O centro da missão é Utiariti, no Rio Papagaio, onde existe uma escola para crianças indígenas e recentemente um hospital (sem médico residente). Em dezembro de 1965, a escola da missão recebeu a visita de 69 Erigbactsa, 14 Paresi, 12 Kayabi, 8 Irantxe e 2 Nambikwára.

II – Região do Guaporé

Paresi

Sua população era estimada em 250 em 1963, a maioria reassentada ao longo da BR 29. Dois pequenos grupos ainda vivem em postos do SPI, “Coloizorocê” (junto com os Irantxe) e “Fraternidade Indígena” (com os Umutina e os Nambikwára). A tendência atual dos Paresi é uma aculturação descontrolada e um afundamento para a classe mais baixa do proletariado local. As mulheres compõem a maioria das prostitutas dos caminhoneiros e, segundo a população local, os homens vivem “só de roubar”. As tentativas de proselitismo dos jesuítas de Diamantino foram coibidas porque os Paresi foram julgados “estragados e irredutíveis”. No Rio Verde, porém, existe um posto do ISAMU que está em contato com uma equipe do SIL.

Desde o trabalho da Comissão Rondón, que se concentrou na cultura material, poucas pesquisas foram feitas. Todos os Paresi falam português, mas alguns informantes mais velhos ainda estão vivos, de modo que o trabalho de campo em um futuro muito próximo é de grande importância. Melo, Mario (Dom Alonso Silveira de Melo, SJ) (1942). “Esbôço gramatical do idioma pareci”. São Paulo.

Irantxe

Em 1964 havia 52 Irantxe, incluindo alguns mestiços de cruzamentos com Nambikwára, Paresi e Kayabi. Hoje todos vivem na estação missionária de Utiariti, onde um jovem é alfabetizado e apenas três velhos não são

batizados. Esses índios foram evangelizados em Diamantino desde 1948, mas ainda se pode esperar informações importantes dos idosos.

Antropólogos e linguistas profissionais tiveram contato apenas superficial com os Irántxe (M. Schmidt em 1928, K. Oberg em 1949), mas missionários publicaram estudos interessantes sobre eles.

Dornstauder, P. João. 17 anos com os Irantxe, ms.

Moura, P. José de (1947). “Os Iranche”. In: *Instituto Anchietano de Pesquisas*. 143-180 Pôrto Alegre.

Moura, P. José de (1960). “Os Münkü”. In: *Instituto Anchietano de Pesquisas*. Separatum, Pôrto Alegre.

Boglár, Lajos (1965). “Anmerkungen zur Jagd bei den Nambikuara-Indianern”. In: *Abhandlungen und Berichte des staatl. Museums für Völkerkunde Dresden* 24: 37-48. Dresden.

Pereira, P. Adalberto Holanda (1964). “Vocabulário da lingua dos Irántxe”. In: *Revista de Antropologia* 12: 105-115. São Paulo.

Nambikwára

São de 200 a 300 entre o alto Juruena, o alto Aripuanã e o Rio Roosevelt, e nos últimos cinco anos em número crescente ao longo da BR 29. Todos os grupos Nambikwára estão em contato com a população brasileira vizinha, e uma sociedade situação semelhante à dos Paresi pode ser esperada em breve. A assistência é dada por um posto de missão do ISAMU e há também um posto do SIL na BR 29. Boglár (1962) relatou extensivamente sobre o estado das pesquisas sobre essas tribos, mas aumentou a urgência das investigações por ele propostas.

Boglár, Lajos (1960). “Nambicuara Vocabulary”. In: *Acta Ethnographica*, IX/1-2: 89- 117. Budapest.

Boglár, Lajos (1962). “Dringende Forschungsaufgaben in Nordwest-Mato Grosso (Serra do Norte)”. In: *Bulletin of the International Committee on Urgent Anthropological and Ethnological Research*, nº 5: 140-145. Wien.

Mamaindê

Este é o nome dado a um pequeno grupo de índios, talvez de 100 a 150 pessoas, na área entre o alto Guaporé e a BR 29. Supõe-se que eles sejam linguisticamente relacionados aos Nambikwára. Desde a construção

da estrada em 1959, alguns deles estão em contato intermitente com a população regional. Eles estão sendo ajudados materialmente pelo posto Nambikwára do ISAMU. Na primavera de 1966, os Mamaindê foram visitados por René Fuerst, de Genebra, que pode fornecer mais informações sobre eles.

A situação dos habitantes da região do Guaporé é essencialmente a mesma dos índios que vivem nas florestas mais ao norte. Por causa da posição geográfica e do clima mais saudável, no entanto, a expansão dos colonos nesta área é muito mais rápida e está parcialmente concluída. Um fator importante é o trecho rodoviário Cuiabá - Porto Velho da BR 29, que desde 1962 é transitável no período seco, e desde 1964 até no período chuvoso, e que tem tráfego em forte aumento. Os postos existentes do SPI têm poder limitado e não podem impedir invasões em suas aldeias. A missão católica tem influência apenas sobre os Irántxe, enquanto as outras tribos, se houver, estão sob os cuidados das missões protestantes americanas.

Endereços para mais informações

P. João Dornstauder, SJ

Missão Anchieta, Diamantino, MT., Brasil

René Fuerst

4, Rue Dentand, Genève, Suisse

Isarnu (Inland South American Missionary Union) Informations: by S.

I. L.

Guilherme Mayer

Conomali, Caixa Postal 228, Cuiabá, MT., Brasil

P. Adalberto Holanda Pereira, SJ

Missão Anchieta, Diamantino, MT., Brasil

Gustavo Schmidt

Pensão Paraná, Cuiabá, MT., Brasil

SIL (Summer Institute of Linguistics)

Instituto de Linguística de Verão. Caixa Postal 2221, Brasília, DF., Brasil

SPI (Serviço de Proteção aos índios)

6. Inspeitoria do SPI: Rua Pedro Celestino 301, Cuiabá MT., Brasil

Friedrich Tolksdorf

c/o Conomali, Caixa Postal 228, Cuiabá, MT., Brasil